

Nadyja Raffaella
Bandeira de Lima¹
Ellany Gurgel Cosme
do Nascimento²
João Carlos Alchieri³

História de vida da mulher: qual a verdadeira repercussão da gravidez na adolescência?

Life story of women: what is the real impact of pregnancy in adolescence?

> RESUMO

Objetivo: Estudo exploratório, que objetiva analisar as repercussões da gravidez na adolescência na vida das mulheres, captar a percepção sobre a vivência da gravidez na adolescência e apreender as relações familiares a partir da gravidez na adolescência. **Métodos:** Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dezesseis (16) mulheres atualmente adultas; a análise dos dados ocorreu mediante a técnica de Análise de Conteúdo. **Resultados:** Foi possível identificar, com a descoberta da gravidez na adolescência, que as mulheres necessitaram de apoio familiar e do parceiro. A maternidade não significou interferência nos seus projetos de vida e sim fez parte deles. Pôde-se observar, ainda, que a gravidez precoce não ocasionou somente problemas, mas percepções distintas sobre o impacto da gravidez. **Conclusão:** O estudo fornece subsídios para a construção do conhecimento sobre mudanças no projeto de vida de jovens mães na adolescência.

> PALAVRAS-CHAVE

Adolescente, sexualidade, gravidez na adolescência.

> ABSTRACT

Objective: Exploratory study that aims to analyze the effects of teenage pregnancy on women's life, to capture the perception of the teenage pregnancy experience, and to apprehend family relationships from pregnancy in adolescence. **Methods:** Based on semi-structured interviews with sixteen (16) women analyzed with the technique of Contents Analysis. **Results:** It was possible to identify that after discovery of pregnancy, adolescents needed support from family and partner. Motherhood did not signify interference in their life projects but became part of them. It could also be observed that early pregnancy not only caused problems but fostered distinct perceptions about its impact. **Conclusion:** The study provides subsidies to establish knowledge about the changes in young mothers' life projects.

> KEY WORDS

Adolescent, sexuality, pregnancy in adolescence.

¹Enfermeira Graduada no Curso de Graduação em Enfermagem, Campus Avançado Maria Elisa de Albuquerque Maia, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (CEN/CAMEAM/UERN). Pau dos Ferros, RN, Brasil.

²Especialista em Enfermagem em Saúde da Família, Obstetrícia e Autogestão em saúde. Professora no Curso de Graduação em Enfermagem, Campus Avançado Maria Elisa de Albuquerque Maia, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (CEN/CAMEAM/UERN). Pau dos Ferros, RN, Brasil.

³Doutor. Professor do Curso de Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal, RN, Brasil.

Ellany Gurgel Cosme do Nascimento (ellanygurgel@hotmail.com) - Rua Lino Guerra, 88, Bairro Sebastião Maltez, Caraúbas, RN, Brasil. CEP: 59780-000.

Recebido em 10/10/2013 – Aprovado em 04/06/2014

> INTRODUÇÃO

A adolescência é a transição da infância para a idade adulta, sendo caracterizada por fases de desenvolvimento físico, biológico, mental, emocional e social. Sabe-se que essa transição é um processo que merece cuidados, pois é nesse momento que o ser adolescente inicia o processo de formular suas características pessoais, sendo o momento da conturbada e marcante mudança corporal¹.

Nos últimos tempos, a adolescência passou a ser abordada de maneira diferenciada e tornou-se algo além de uma transição de fases, pois é o período de maior busca pelo novo, de maior curiosidade. Este é um momento que também acarreta medos e expectativas, além do mais, é o período em que se iniciam os relacionamentos amorosos e, conseqüentemente, é então que o adolescente passa a ter maior aproximação com as questões sexuais, sendo a ocasião do surgimento de surpreendentes necessidades e sensações corporais².

Neste conjunto de transformações e experiências se dão os primeiros contatos sexuais, o que pode ocasionar uma gravidez. Segundo o Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), é expressivo o número de ocorrências de gestação na adolescência e, somente em 2010, esse número chegou a 552.630. Tal situação, como ocorre de forma precoce, muitas vezes acarreta problemas físicos, psicológicos, emocionais e sociais, podendo contribuir positiva ou negativamente para as modificações na vida futura dos adolescentes³.

A gravidez na adolescência vem sendo considerada problema de saúde pública, ou como risco para a adolescente (no aspecto biológico, psicológico e social) e seu filho. Recentemente, estudo⁴ tem apontado contestações acerca do assunto, pois segundo este uma gravidez na adolescência pode também estar ligada a aspectos positivos e não apenas a ímpetos, como costumeiramente é vista.

O objeto deste estudo foi idealizado com a intenção de aprofundar o conhecimento sobre as repercussões da gravidez na adolescência na

vida das mulheres. É importante buscar compreender a implicação da gravidez na adolescência na história da mulher, para que, a partir disso, se possa ter uma visão abrangente de que cada indivíduo, passando pelo mesmo processo, tem percepções diferentes. Desta forma, se vê a relevância de discutir até que ponto a gravidez na adolescência foi percebida como um problema para a vida da mulher e se acarretou dificuldades.

A partir dessas inquietações e considerando a importância do tema, o presente trabalho teve por objetivo geral analisar as repercussões da gravidez na adolescência na vida das mulheres estudadas e, especificamente, captar a percepção da mulher adulta sobre a vivência da gravidez na adolescência, compreender a razão da gravidez no período da adolescência e apreender as relações familiares a partir da gravidez na adolescência.

MÉTODOS <

Estudo exploratório de abordagem qualitativa, realizado no município de Pau dos Ferros/RN, mesorregião do Alto Oeste Potiguar, em duas Unidades da Estratégia Saúde da Família (ESF) no período de maio a julho de 2012. O estudo teve como participantes mulheres já adultas (entre 20 e 25 anos), que tiveram filhos na adolescência nos anos de 2005 a 2009, e que residem na área de abrangência das USF. A escolha por esse grupo se deu a partir da necessidade de melhor entender como a gravidez na adolescência é compreendida e interpretada pelas mesmas e o que tal fato implicou na vida delas na transição da adolescência à idade adulta. Como critério de inclusão definiu-se que a participante deveria residir na área de abrangência das USF selecionadas para o estudo; ter engravidado entre os 10 e 19 anos; ter engravidado entre os anos de 2005 a 2009. Como critério de exclusão definiu-se estar impossibilitada por algum motivo de participar da entrevista no momento da coleta de dados. Ao final, participaram do estudo 16 mulheres.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) no dia 04 de maio de 2012, nº da CAAE: 01470.428.000-11. A coleta de dados foi realizada por meio de um roteiro de entrevista semiestruturada contendo questões abertas, que foram aplicadas às mulheres em suas próprias residências. A entrevista foi antecipadamente agendada de acordo com data e horário de escolha das mulheres. Durante a entrevista os sujeitos da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), salientando que antes da assinatura foram explicados a justificativa, objetivos e os procedimentos da pesquisa. Em seguida, as entrevistas foram gravadas com minigravador digital e, depois transcritas para o Office Word® no computador. Os dados coletados foram analisados e interpretados a partir do método de análise de conteúdo, possibilitando a criação de cinco categorias de análises.

> RESULTADOS

Verificou-se que, quanto ao estado civil das dezesseis (16) entrevistadas, treze (13) mulheres são solteiras, destas, seis (6) vivem com companheiro; e três (3) são casadas. Escolaridade: sete (7) contam com 1º grau incompleto, cinco (5) 2º grau incompleto, três (3) 2º grau completo e uma (1) superior incompleto. No que se refere à situação de trabalho das dezesseis (16), cinco (5) trabalham, três (3) como vendedoras no comércio, uma (1) como garçonete e uma (1) como funcionária pública. A renda familiar mensal é de no máximo dois (2) salários mínimos. Com relação à situação da moradia, nove (9) moram na residência de familiar, duas (2) de aluguel e cinco (5) em casa própria.

Iniciação sexual e contraceção

A partir do depoimento das entrevistadas, observou-se que a menarca ocorreu, em média, aos 12 anos de idade, sendo que, poucos anos após esse fato, quase todas iniciaram a atividade sexual.

Todas as entrevistadas relataram que começaram a namorar muito cedo e que este foi o

ponto fundamental para o início da atividade sexual. Sendo assim, no que se refere ao exercício da sexualidade, onze (11) iniciaram antes dos 16 anos de idade e cinco (5) entre 16 e 19 anos. No que se refere à primeira relação sexual, treze (13) delas relataram que ocorreu com o namorado (relacionamento sério), duas (2) com “ficantes” (não tinham nenhum tipo de relacionamento) e uma (1) com o companheiro após passarem a morar juntos (relação estável).

Observa-se que algumas delas planejaram ter a primeira relação sexual, outras não. Das dezesseis (16) entrevistadas, apenas três (3) falaram que planejaram ter a primeira relação sexual, sendo que as outras foram por consequência do momento, algo que simplesmente aconteceu.

É conhecido que oito (8) das entrevistadas iniciaram a atividade sexual sem nenhum ou pouquíssimo conhecimento acerca da anticoncepção. No mais, foi indagado sobre o uso de algum método contraceptivo durante a primeira relação sexual e dez (10) responderam que sim, fizeram uso. Das que usaram algum método contraceptivo, três (3) faziam parte das que responderam não ter nenhum conhecimento e uma (1) disse conhecer, mas não fez uso de método contraceptivo algum na primeira relação sexual.

Com relação ao uso de métodos contraceptivos na adolescência, antes da primeira gravidez, sete (7) delas referiram que não usavam nenhum método. Nove (9) afirmaram que usavam métodos contraceptivos. Com relação às outras entrevistadas, seis (6) delas disseram que faziam uso de pílulas anticoncepcionais e duas (2) usavam o preservativo.

A prática sexual sem prevenção e a gravidez como consequência

Ao questionar quanto ao número de parceiros sexuais antes da primeira gravidez, apenas três (3) afirmaram que já tiveram dois (2) parceiros e das treze (13) que só tiveram um parceiro sexual, nove (9) convivem com o parceiro até os dias de hoje. Com relação à idade dos parceiros sexuais, todos eram mais velhos que elas, sendo a maioria também adolescente ou adulto jovem, mas quatro (4) delas, em contextos dis-

tintos, tiveram a prática da atividade sexual com homens entre 26 e 35 anos de idade.

Deste modo, tornou-se conhecido que oito (8) das entrevistadas não queriam, não planejaram, mas findaram grávidas por falta de conhecimento adequado com relação ao contraceptivo (os tipos existentes e o modo de usar). Mas, apesar da pouca idade, oito (8) adolescentes tinham o desejo de se tornarem mães, sendo que somente três (3) realmente planejaram a gravidez.

A reação da adolescente grávida, do pai da criança e dos familiares frente à descoberta da gravidez

A partir da constatação da gravidez, as entrevistadas revelaram quais foram suas perspectivas diante do impacto da notícia e o sentimento mais aparente foi o de preocupação. Logo, para quatorze (14) das mulheres o resultado positivo da gravidez denotou momento de aflição, medo, vergonha e até desespero, pois a gravidez não estava nos planos da maioria delas, e mesmo para aquelas que planejaram a gravidez esses sentimentos surgiram.

Outro ponto a destacar, foi o medo da reação dos pais com a notícia da gravidez e, das entrevistadas, cinco (5) mencionaram esse receio como uma de suas maiores preocupações. E nove (9) das entrevistadas relataram que a notícia da gravidez foi um choque para sua família.

No mais, onze (11) das mulheres referiram que, ao contar sobre a gravidez, o parceiro ficou feliz com a notícia e quatro (4) relataram que o parceiro reagiu mal. Sendo que doze (12) das entrevistadas expuseram que tiveram total apoio do parceiro. Já o apoio recebido por quatro (4) entrevistadas variou de suporte parcial a nenhum apoio. E quinze (15) participantes citaram que o apoio foi dado, principalmente, depois que passou o susto da notícia, sendo que apenas uma (1) mencionou que a ajuda maior foi por parte dos sogros.

Como foi ser mãe adolescente, as dificuldades, implicações, mudanças e os sonhos e projetos antes e após a maternidade

Foi constatado que muitas jovens acabam por se isolarem em seus lares, o que de fato é re-

latado pelas entrevistadas. Outras dificuldades, em particular, são relacionadas à gravidez de risco, devido a problemas de saúde, dificuldade no parto, problema relacionado ao companheiro e dificuldade no trabalho, sendo que sete (7) delas não referiram nenhuma dificuldade no decorrer da gestação, o que pode estar diretamente relacionado com o apoio recebido, seja pela família, companheiro ou outros. Para oito (8) delas o experimento não foi fácil, considerando-se uma experiência difícil.

Observa-se que metade das entrevistadas mencionou a falta de liberdade como uma das principais mudanças ocorridas a partir da gestação. Outra questão foi o fato de cinco (5) das entrevistadas referirem que abriram mão dos estudos por causa da gestação, mas sabe-se que doze (12) deixaram de estudar na época e quatro (4) retomaram os estudos após o parto. E nos dias atuais, das cinco (5) mulheres que têm emprego, apenas uma (1) tem a carteira de trabalho assinada, sabendo-se que as outras não estão satisfeitas com sua ocupação.

A seguir é observado na fala de três (3) das entrevistadas que tornar-se mãe era seu projeto de vida, o que resultou em alegria e satisfação. Ao questionar as participantes quais foram/são seus projetos de vida pós-maternidade, foi significativo saber que seis (6) delas referiram que queriam concluir os estudos e tentar uma faculdade para oferecer melhores condições aos filhos. Quatro (4) mencionaram que queriam dar uma boa criação a seus filhos. Outras três (3) citaram que ansiavam conseguir emprego. Uma (1) mencionou que tinha o sonho da casa própria, outra (1) sonhava em ter outro filho e outra (1) revelou não ter nenhum projeto futuro.

No mais, se tornou conhecido que quatorze (14) mulheres referiram que a gravidez e o nascimento do filho não interferiram em suas vidas e nos seus projetos.

A percepção e o conselho de quem vivenciou a gravidez na adolescência

Nas falas das entrevistadas, observa-se que três (3) delas percebem a gravidez na adolescência como um evento meramente positivo.

Destaca-se o fato de uma das mulheres mencionar o amadurecimento como o resultado mais benéfico da maternidade adolescente e, sabendo-se que embora não desejasse a gravidez na época, hoje a vê de forma positiva. Outras nove (9) das entrevistadas referiram perceber a gravidez na adolescência como um acontecimento que varia de complicado a péssimo.

É relevante ressaltar que quatro (4) destas mulheres mesmo tendo desejado ou planejado a gravidez, passaram a vê-la como algo contraproducente. Após a experiência da gravidez precoce, estas mulheres entenderam que ser mãe tão cedo é complicado, difícil, péssimo, feio e até mesmo algo que não desejam para ninguém.

Do total, houve quatro (4) entrevistadas que explicaram que a gravidez na adolescência depende da situação em que a jovem se encontra, pois quando se trata de adolescentes que tenham parceiros fixos elas entendem como sendo algo normal, de cunho positivo.

Destaca-se o fato de três (3) entrevistadas mencionarem a importância de esclarecer determinados acontecimentos aos jovens no que se refere ao sexo, pelo fato de dentro dos lares não existir esse tipo de conversação. E mais, ligam a sua gravidez precoce à esquivas dos pais de conversarem sobre esse tipo de assunto.

DISCUSSÃO

Um dos fatores influenciador da atividade sexual precoce é a ocorrência da menarca muito cedo e, quanto mais cedo esta ocorrer, mais cedo as adolescentes terão interesse e desejos sexuais, o que é comprovado em estudo⁵. A iniciação sexual está acontecendo cada vez mais cedo, seja por puro desejo, influência, pressão, prova de amor ao companheiro, ou, simplesmente, ir contra o desejo dos pais, pois muitos dos jovens apenas veem a proibição e os pais esquecem-se de orientar. Neste sentido, a ausência de orientação sexual é sempre vista como um fator predisponente a iniciação sexual sem o uso de métodos contraceptivos por parte da maioria dos jovens⁵.

Sabe-se que é grande o número de jovens que iniciam a prática do sexo sem conhecimen-

to sobre contracepção, muitos deles não têm ciência das possíveis consequências que podem, posteriormente, descobrir, como uma gravidez ou uma doença sexualmente transmissível (DST). Muitos não têm conhecimento significativo no que se refere ao exercício da sexualidade, mas sentem-se adultos o suficiente para iniciarem a prática sexual^{5, 6}.

É certo que a sexualidade é um assunto que deve ser discutido no intuito de fornecer aos adolescentes informações no que se refere ao uso dos métodos contraceptivos para prevenção da gravidez, principalmente para aquelas jovens que já iniciaram a atividade sexual, bem como para aquelas que possuem ou possuíram múltiplos parceiros⁶.

Tratar anticoncepção com adolescentes é complexo, pois, quase sempre, estas se dizem boas entendedoras do assunto, quando, na verdade, possuem pouco conhecimento sobre a importância, o uso, a eficácia e o modo correto de usá-los. Alguns autores⁷ afirmam que as adolescentes possuem conhecimento sobre anticoncepção, mas nem por isso deixam de engravidar. Afirmam, ainda, que a sociedade acredita que o acesso à informação seria suficiente para garantir práticas contraceptivas eficientes, mas explicam o descompasso existente entre conhecimento e comportamento, pois a anticoncepção não é uma prática somente racional, todavia, sobretudo, relacional e subjetiva⁷.

Pôde-se observar que a inibição por parte das jovens e a falta de diálogo dentro dos lares são as maiores causas de gravidez não planejada. Verifica-se, assim, a importância de trabalhar o tema anticoncepção com os jovens, se nos próprios lares o tema é vetado, é a sociedade que se torna responsável por orientar esses jovens, sendo a escola o principal meio de conscientização.

Alguns fatores como a não adesão do contraceptivo ou o uso incorreto, bem como não ter vida sexual ativa que explique o uso ininterrupto do contraceptivo e também o desejo de ser mãe, levaram estas mulheres a engravidarem ainda adolescentes. Ficou evidenciado que a maternidade, muitas vezes, pode ser desejada por uma adolescente, em contrapartida, o des-

cuido e a falta de conhecimento levam outras tantas à gravidez indesejada⁶⁻⁸.

A adolescência tem por característica ser um período de descobrimento do mundo, dos amigos, de uma vida social mais ampla e, com a gravidez, esta pode vir a interromper o processo de desenvolvimento próprio da idade, fazendo com que a jovem assuma responsabilidades de adulta antes do esperado, já que em curto período se verá forçada a dedicar-se aos cuidados maternos. A consequência é dupla, pois, nem é adolescente plena e nem adulta inteiramente capaz. E, ao descobrir a gravidez, múltiplos sentimentos podem se tornar manifestos na jovem e a mistura de emoções se torna mais evidente nesse momento, pois além de afetar a própria jovem é algo que também afeta a sua família⁹.

Um aspecto que se destacou foi o medo de como criar, sustentar e educar a criança, pois nem sempre as adolescentes estavam preparadas e amadurecidas o suficiente para realizar tal tarefa, já que nesse momento da vida espera-se que a maioria delas ainda esteja sendo criada e educada por seus pais, estando em um processo de formação e amadurecimento⁶.

Muitas adolescentes, refletindo justamente nas possíveis consequências - com medo, assustadas, pensando no futuro e na reação dos familiares - acabam tentando esconder a gestação e, por vezes, acabam sofrendo alto nível de estresse, baixa autoestima e sintomas depressivos; mas, certamente, não conseguem esconder a gravidez por muito tempo¹⁰.

A gravidez, quase sempre, não é bem vista pelos pais, pois estes acreditam que a trajetória dos filhos está sendo rompida. É sensato que os pais desejem que seus filhos estudem, trabalhem e, somente depois, constituam família, mas com a notícia da gravidez muitos deles se sentem impotentes diante do fato e culpam a eles mesmos, e se perguntam: "onde foi que eu errei?"¹¹.

Em contrapartida, há relatos de famílias que ficaram felizes com a notícia, por mais que se tratasse de uma gravidez precoce. A notícia da gravidez foi vista pela perspectiva positiva em algumas famílias e, apesar de serem poucas as famílias que aceitam com alegria a gestação

da adolescente ou mesmo desejam que suas filhas, mesmo adolescentes, tornem-se mães, não se deve negar o fato de que tais famílias existem. Encontraram-se relatos de que para alguns familiares a maternidade na adolescência pode ser desejada, principalmente quando esta ocorre em condições pré-estabelecidas pela própria família ou quando a jovem se encontra em uma relação estável, o que parece colaborar para a maternidade precoce como acontecimento natural e almejado¹².

No decorrer das entrevistas, ficou evidente que nenhuma das mulheres demonstrou preocupação no que concerne a reação do pai da criança ao descobrir que seria pai, sendo necessário questioná-las a respeito. Para alguns parceiros, a descoberta da gravidez não significou grande impacto, mas trouxe ampla felicidade. Já para outros, significou medo e até negação.

Outra questão relevante foi o apoio, ou não, à adolescente grávida por parte de seus familiares e do pai da criança. O apoio da família é importante, especialmente por se tratar de adolescentes sem condições emocionais e financeiras para arcar com as implicações de uma gestação precoce. Mas é evidente que o apoio do parceiro também é essencial.

Apesar do suporte oferecido pelo pai da criança ser importante, é sabido que o apoio familiar é essencial na vida da mulher, sobretudo por se tratar de uma adolescente grávida¹³. É notório que, quando uma adolescente engravida, após o impacto inicial, sua família acaba por dar apoio, seja ele emocional, financeiro ou no próprio cuidado com a criança. Com o passar do tempo, o ocorrido acaba se tornando algo com resultados positivos, com boas perspectivas com relação ao nascimento da criança, fazendo que esse fato passe a ter melhor aceitação por parte de todos os membros da família¹⁴.

O nascimento de um filho gera na vida de uma mulher um amontoado de mudanças e apreensões das quais é impossível isentar-se, determinando, assim, o início de nova rotina. Logo, é de se esperar que isso ocorra de forma mais intensa na vida de uma adolescente que vivencia uma gestação.

As mulheres que se tornam mães ainda adolescentes passam por diversas dificuldades, então se observa a importância de conhecer de perto quais foram os problemas enfrentados por elas no decorrer da gestação. Neste sentido, foi questionado às participantes do estudo quais foram as dificuldades enfrentadas por elas durante a gravidez. A partir dos discursos das mulheres, um fato que se destacou foi a vergonha por estar gestante, o receio de como seria vista pela sociedade. Assim, a jovem vivencia, ao mesmo tempo, o momento prazeroso e os anseios de ser mãe, e os julgamentos e preconceitos da sociedade, levando-a, muitas vezes, a crises e sentimentos adversos.

A experiência da gravidez na adolescência vivenciada por essas mulheres traz peculiaridades interessantes e, a partir dos depoimentos, muitas questões foram levantadas.

De modo geral, a gravidez na adolescência é vivenciada com dificuldade, pois a jovem deixa de ser apenas filha e torna-se mãe. E, nessa mudança brusca de adolescente para adulta, a jovem vive uma situação conflituosa, com perdas, já que há um salto no que se refere ao modo de vida antes e pós-maternidade. Por outro lado, veem-se aquelas mulheres que levaram a maternidade na adolescência como uma experiência positiva, relatando ser uma vivência boa, apesar de algumas renúncias¹⁵.

Quando se fala em gravidez na adolescência, a questão da perda da liberdade é o fato que elas mais referem. O fato de existir alguém sob sua responsabilidade faz com que a jovem modifique seu jeito de pensar e agir, tendo que assumir novas responsabilidades, deixando, assim, de aproveitar a vida de filha adolescente para tornar-se adolescente mãe¹⁶.

Imediatamente se nota que a interrupção dos estudos é uma das muitas rupturas que se inserem na vida da jovem mãe¹⁷. Torna-se preocupante o fato de que parte das jovens que engravidam acaba por interromper os estudos e, vindas de classes de baixa escolaridade, elas terão dificuldades de se inserirem no mercado de trabalho. O menor grau de escolarização torna-se uma das principais consequências negativas da gravidez na adolescência, sobretudo quando

se refere a uma mulher de classe econômica baixa, pois isso leva a jovem a ter dificuldades ainda maiores de superar a pobreza e, com baixa ou nenhuma qualificação para o mercado de trabalho, muitas vezes acaba submetendo-se a um trabalho informal e mal-remunerado¹⁸.

Durante as entrevistas, pôde-se conhecer as histórias destas mulheres e observar os semblantes de aflição ao lembrarem suas vivências. Através das falas, observou-se que ser mãe ainda jovem acarreta dificuldades, mudanças, adiamento ou mesmo abdicação de sonhos para pôr os filhos em primeiro lugar.

Ainda que parte da literatura trate a gravidez na adolescência como algo indesejado ou não planejado, esse fato, muitas vezes, faz parte do projeto de vida das jovens e, apesar de ainda serem adolescentes, muitas delas acabam desejando e planejando a gravidez. E, ao exporem sobre o sonho e a concretização de se tornarem mães, podia-se ver em seus rostos a real felicidade.

A partir disso, fica evidenciado quão diversificados são os projetos de vida dessas mulheres. Muitas delas enxergavam os estudos como meio para mudança de vida. Para algumas, ser apenas do lar e ter mais tempo para criar e educar os filhos é o que desejavam. Já para outras conseguirem um emprego era o sonho, a meta, sendo uma forma de ajudar nas despesas da casa e dos filhos. Com isso, fica claro que cada indivíduo tem suas aspirações.

A vivência da gravidez na adolescência gerou mudanças significativas na vida das participantes do estudo. É bem plausível, por exemplo, que se pudéssemos confrontar as histórias de vida das entrevistadas com as trajetórias de algumas de suas amigas nos tempos de adolescentes, que não tenham ficado grávidas nessa época, sem dúvidas várias diferenças poderiam ser achadas em decorrência das escolhas serem díspares nas duas circunstâncias.

No que se refere à gravidez na adolescência, há discussões na literatura sobre este ponto em que se compreende a importância de se ter conhecimento sobre o tema. Logo, foi de total relevância buscar saber como as mulheres deste estudo percebiam a gravidez na adolescência

atualmente. Acredita-se que após toda a vivência de uma gravidez precoce é de extrema importância analisar as diversas percepções dessas mulheres em relação ao vivido.

A perda da juventude e a responsabilidade imediata são fatores citados, sendo algo que de fato acontece. Como já visto, ao engravidar a jovem tende a mudar a rotina, perde a liberdade, amadurece precocemente e, a partir da gestação, se torna completamente responsável por uma vida, o que a leva a necessitar de apoio psicológico para saber enfrentar a situação. Observou-se, também, que ser mãe adolescente sem companheiro é que é inoportuno.

Ao considerar a fala das mulheres, é notório que elas têm entendimento acerca da importância de conversar com as adolescentes questões referentes ao sexo. Assuntos como prevenção, doenças sexualmente transmissíveis, aborto e filhos são referidos pelas entrevistadas.

No que se refere ao fato dos pais evitarem conversações com seus filhos sobre sexo, isto está ligado à compreensão de sexualidade como sinônimo de ato sexual; eles acreditam que ao falarem sobre o assunto vão instigar os filhos à prática, o que resulta em dificuldades para o estabelecimento de um diálogo ativo referente ao sexo¹⁴.

Por fim, pelas questões apresentadas, entende-se que as participantes deste estudo, após terem vivenciado a maternidade ainda adolescentes, estão em condições de compartilhar com outras jovens suas experiências. A principal ideia que as mulheres dão para os adolescentes é que se previnam para não engravidarem, e não exclusivamente para esse fim; algumas entrevistadas vão além, também para prevenir doenças sexualmente transmissíveis, inclusive a Aids. Também enfatizam o fácil acesso aos mé-

todos contraceptivos, o que de fato é verdade, se comparado a épocas anteriores.

Outro aspecto observado nos comentários dessas mulheres foi no sentido de priorizarem o futuro: que estudassem, conseguissem independência para depois casarem e pensarem em filhos. Mencionam, também, que lidar com uma gravidez indesejada e suas consequências não é fácil e enfatizam o quão difícil é ser mãe. Uma delas aconselha os jovens a conversar com os pais, o que é de grande importância. Mas é interessante observar o conselho referente a não iniciação da prática sexual, pois, hoje, algumas entendem que essa prática tem início precoce para os adolescentes.

CONCLUSÃO

Os resultados mostram que a gravidez na adolescência está diretamente articulada ao desejo de engravidar ou ao uso incorreto do contraceptivo por falta de conhecimento. Observa-se que a gravidez na adolescência torna-se um desafio social, pois quando esse fato ocorre não interfere exclusivamente na vida da jovem, mas, também, na dos pais, familiares, amigos, bem como da sociedade.

Entende-se que a gestação na adolescência não deve ser estimulada, mas quando ocorrer é essencial que a adolescente receba apoio da família, dos profissionais da saúde e da sociedade, sem recriminação. É relevante destacar a importância do profissional de saúde conhecer a percepção de vida e maternidade da adolescente grávida e de qual suporte familiar ela dispõe, para que, assim, possa contribuir para uma gravidez saudável, bem acompanhada e sem repercussões negativas para a jovem e seu bebê.

REFERÊNCIAS

1. Brêtas JRS, Muroya RL, Goellner MB. Mudanças corporais na adolescência. In: Borges ALV, Fujimori E, organizadores. *Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica*. Barueri, São Paulo: Manole; 2009. p. 82-115.
2. Soares CB. Mais que uma etapa do ciclo vital: a adolescência como um construto social. In: Borges ALV, Fujimori E, organizadores. *Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica*. Barueri, São Paulo: Manole; 2009. p. 3-22.

3. Brasil. Ministério da Saúde. Departamento de Informática do SUS. [Internet]. Brasília: Datasus. [citado 2012 Set 06]. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinasc/cnv/nvuf.def>.
4. Trindade RFC, Borges ALV. Gravidez na adolescência. In: Borges ALV, Fujimori E, organizadores. *Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica*. Barueri, São Paulo: Manole; 2009. p. 335-47.
5. Taquette SR. Sexualidade, gênero e saúde reprodutiva. Sexualidade na adolescência. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Saúde do adolescente: competências e habilidades*. Brasília: Ministério da Saúde; 2008. p. 205-12.
6. Peloso SM, Carvalho MDB, Valsecchi EASS. O vivenciar da gravidez na adolescência. *Acta Scientiarum* [Internet]. 2002 [citado 2012 Mai 10];24(3):775-81. Disponível em: <http://eduem.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHealthSci/article/view/2508>.
7. Hoga LAK, Borges ALV, Reberte LM. Razões e reflexos da gravidez na adolescência: narrativa dos membros da família. *Esc Anna Nery Rev Enferm* [Internet]. 2010 [citado 2013 Mar 01];(1):151-7. Disponível em: www.eean.ufrj.br/revista_enf/20101/artigo%2020.pdf.
8. Altmann H. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. *Cad Pagu* [Internet]. 2003 [citado 2013 mar 02];(21):281-315. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332003000200012&lng=en&nrm=iso.
9. Eduardo KGT, Aquino PS, Barbosa RCM, Pinheiro AKB. Reações da adolescente frente à gravidez. *Esc Anna Nery Rev Enferm* [Internet]. 2005 [citado 2012 Dez 05];9(2):214-20. Disponível em: <http://www.redalyc.org/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=127720493008>.
10. Sabroza AR, Leal MC, Souza JPR, Gama SGN. Algumas repercussões emocionais negativas da gravidez precoce em adolescentes do Município do Rio de Janeiro (1999-2001). *Cad Saude Publica* [Internet]. 2004 [citado 2012 Mai 21]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2004000700014&lng=en.
11. Monteiro YAM, Bessa AR, Bezerra MGA, Albuquerque M. *Gravidez na adolescência no olhar da primigesta* [monografia]. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará; 2010.
12. Silva L, Tonete VLP. A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado. *Rev Lat Am Enfermagem* [Internet]. 2006 [citado 2013 Mar 04];14(2):199-206. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n2/v14n2a08.pdf>.
13. Mesquita ALP, Fontes BFS, Oliveira Filho HB, Lopes LGF, Gonçalves MT, Moreira SRG, et al. Trajetórias de mulheres que vivenciaram a gravidez/maternidade na adolescência. *Mental* [Internet]. 2011 [citado 2011 Mar 03];9(16):443-89. Disponível em: <http://www.redalyc.org/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=42021698008>.
14. Nascimento MG, Xavier PF, Sá RDP. Adolescentes grávidas: a vivência no âmbito familiar e social. *Adolesc Saude* [Internet]. 2011 [citado 2012 Dez 24];8(4):41-7. Disponível em: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=294.
15. Moreira TMM, Viana DS, Queiroz MVO, Jorge MSB. Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2008 [citado 2013 Mar 05];42(2):312-20. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S008062342008000200015&lng=en&nrm=iso.
16. Oliveira OH. Reações familiares diante da situação de gravidez na adolescência. Impacto da gravidez na adolescência: rejeição, aceitação e apoio. *Rev Eletron Univar* [Internet]. 2011 [citado 2013 Mar 05];(5):30-6. Disponível em: <http://revista.univar.edu.br/>.
17. Gomes R, Fonseca EMGO, Veiga AJMO. A visão da pediatria acerca da gravidez na adolescência: um estudo bibliográfico. *Rev Latino Am Enfermagem* [Internet]. 2002 [citado 2011 Mar 21];10(3):408-14. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010411692002000300015&lng=pt&nrm=iso.
18. Caputo VG, Bordin IA. Problemas de saúde mental entre jovens grávidas e não-grávidas. *Rev Saude Publica* [Internet]. 2007 [citado 2012 Mai 21];41(4):573-81. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S00349102007000400011&lng=en&nrm=iso.